



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

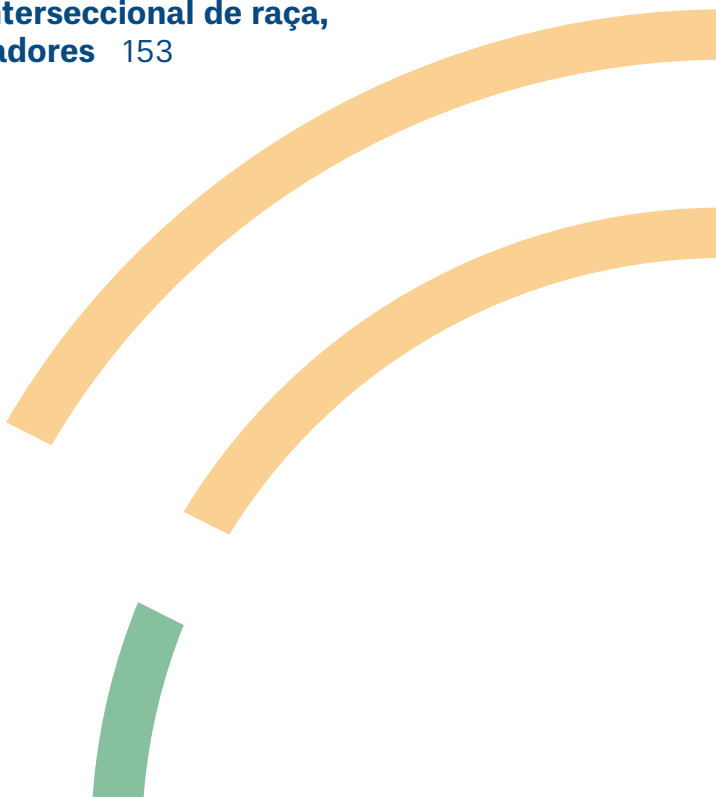
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço

Elen Cristina Ramos dos Santos

A escolaridade e as origens da minha família

Sou filha de dois migrantes do sertão baiano para a “terra-prometida”, Brasília, mais especificamente a região periférica da cidade. Me chamo Elen Cristina Ramos dos Santos, Santos de pai e Ramos de mãe, parafraseando o bordão do personagem protagonista do filme *Central do Brasil* (1998), o menino Josué.

Mãe e pai fazem parte de um enorme contingente de nortistas e nordestinos/as que se viram condicionados/as a enveredar caminhos para grandes metrópoles em busca de melhores condições de vida e trabalho. Fazem parte dessa gente que mantém os grandes centros, com suor e sangue do trabalho, e habita as margens da cidade – é marginalizada de múltiplas formas, alijada e deslocada (em uma lógica higienista) para as margens distantes dos centros.

Na história da minha família, coadunada à história de muitas outras, desenhou-se um lugar na desigualdade: meus/minhas avós não foram alfabetizados/as e não são escolarizados/as. Nenhum/a deles/as. Mãe e pai não finalizaram o ensino fundamental. Adiantando o relato, anuncio o fato alarmante e vergonhoso: fui a primeira de gerações inteiras a ocupar uma vaga no ensino superior.

Embora em meio à escassez material e de direitos básicos, mãe e pai lutaram arduamente para que eu e meus irmãos nos mantivéssemos na escola. Nunca conseguiram se sentar conosco para resolver os deveres de casa, mas nos impulsionavam, nutriam o melhor de nós, com cuidado e afeto, o que nos encheu do sentimento de que poderíamos ser o que quiséssemos. Semearam sonhos para que nós os colhêssemos.

Sou uma pessoa pertencente e fruto de uma família, de comunidades e coletividades. E é dessa terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço. Reverencio e tento honrar a capacidade inventiva, pulsante e criativa, mesmo em meio aos contextos de imposição da escassez.

Minha escolarização, do ensino básico ao ensino médio

Ingressei na escola aos seis anos de idade. Tenho certa dificuldade de me lembrar dos anos iniciais da minha escolarização. Me recorro de ser uma menina bastante tímida e acuada, e ao mesmo tempo muito solícita e amiga. Infelizmente e certamente num mundo como o nosso, minha trajetória, como uma criança negra, ainda que de tez clara, foi fortemente atravessada pelo racismo. Citei o fato de ter a tez clara pois acredito que isso me fez negar por muito tempo o racismo que eu sofria, porque afinal “você nem é tão escura pra ser negra”. Me recorro de situações de humilhação e discriminação sofridas principalmente devido à textura do meu cabelo. Nas brincadeiras de “casinha”, eu era recorrentemente alocada para o papel de “empregada doméstica”. Na minha inocência-criança eu não via problema algum; é o trabalho de minha mãe, e me honrava ser como ela. Somente hoje entendo a problemática da brincadeira, porque ela ressoa as dinâmicas sociais: a sobrerrepresentação das mulheres negras nessa ocupação, repleta de ranço colonial. Apesar de ter apoio incondicional dos meus pais para os estudos, eles não viam como uma possibilidade o ingresso de um/uma dos/das seus/suas filhos/as no ensino superior. Sequer sabíamos que existia a possibilidade de cursar ensino superior de modo “gratuito”, em uma universidade pública. Da mesma forma, a menção a essa possibilidade ou seu incentivo na escola eram praticamente nulos. Tenho vívida na memória certa vez em que um professor da oitava série anunciava a interdição, o que ele acreditava ser o nosso destino: “a UnB não é pra vocês. Vocês nunca passarão lá”. Essa foi a única vez, em toda a minha formação, em que eu ouvi o nome “UnB”.

Apenas quando me mudei de escola para uma localizada no Plano Piloto (onde o traço do arquiteto delimitou) é que soube que havia uma universidade pública na minha cidade. Interessante perceber que, apenas ao migrar para uma escola da parte central de Brasília, passei a ter conhecimento da possibilidade de cursar uma universidade pública. Nessa escola cursei os dois últimos anos do ensino médio. Nela recorrentemente havia passeios para a Universidade, e alguns projetos que conectavam escola e universidade eram muito presentes.

Finalizei o ensino médio com muito medo de tudo o que viria pela frente. Não consegui naquele ano passar no vestibular. Após isso fiquei dois anos estudando para pleitear uma vaga no curso de Psicologia. Consegui um trabalho informal como babá de dois priminhos para custear um cursinho pré-vestibular e lá eu percebi que talvez seria mais fácil tentar um curso com a nota de corte mais baixa, mas que ainda assim fosse da minha área de interesse. Então passei a tentar Ciências Sociais.

Finalmente, lá estava eu, Elen, na UnB

Passei no vestibular na quinta tentativa, em 2013. Já havia esgotado um tanto das esperanças de passar e havia começado a trabalhar como atendente de *call center* para ajudar nas despesas de casa. À época já estava em vigor a Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012), a qual determinava que as seleções de acesso ao ensino superior reservassem vagas sob o crivo social

e racial, necessariamente nesta ordem. No decorrer das tentativas de passar no vestibular, não me recordo muito bem em que momento tive ciência e real conhecimento do que significava ingressar na universidade pelo sistema de cotas, de sua história e importância. Acredito que selecionei, em todas as tentativas, a modalidade de cotas para pretos, pardos e indígenas oriundos de escola pública. Me recordo de que eu já defendia fortemente a universidade pública como um direito das pessoas que não eram vistas nesse espaço. Certa vez me envolvi numa discussão interminável com uma amiga de infância branca que adotou um discurso contra as cotas raciais. Tentei argumentar fervorosamente sobre os benefícios e a necessidade das cotas em um país de passado-presente colonial e racista como o nosso.

Quando o resultado do vestibular saiu, estava no trampo. Coloquei a pausa de cinco minutos a que tinha direito para ir ao banheiro. Estava muito ansiosa e atualizava insistentemente a página da internet que divulgaria o resultado.

Eu passei! Corri gritando pelos corredores do trabalho para encontrar meu melhor amigo, que trabalhava num prédio próximo. Choramos e celebramos. Pedi as contas desse trabalho; havia sido uma fase extremamente difícil, pois o trabalho era exaustivo e eu era destrutada cotidianamente. Eu temia muito nunca sair daquela dinâmica de vida. Foi um alívio.

Mãe chorou e riu comigo. Pai começou a espalhar para todo mundo que a filha seria professora, com um brilho-orgulho nos olhos. Vô me chamou para dançar durinho, jogando o corpo, todo brincante. Só falou isso.

Eu era a primeira em gerações da família a passar numa universidade (e isso não é de se orgulhar). Ingressar na UnB com essa consciência tornava maior ainda a minha missão, que era a de pluralizar, multiplicar corpos-mentes da minha gente nesse lugar confinado na lógica branca. Eu era um ser com mil expectativas; é certo que a Universidade – um grande desafio para corpos, almas e mentes não brancas – foi matando algumas delas.

Cheguei na Universidade cheia de machucados; porque essa gente, que é mulher negra, periférica, de família que migra do Nordeste, estudante de escola pública, é machucada desde sempre, desde o nascer, desde muito antes de nascer. Ingressei na UnB em um cenário construído historicamente para não acolher essas e outras experiências, para forçar as pessoas que as vivem a entrar no jogo, a cumprir a exigência de “engolir as teorias de homens brancos europeus e estadunidenses” – como se você só pudesse existir naquele lugar se não fosse você, se travasse uma luta abismal e mortificante contra si mesma, suas referências e experiências racializadas e localizadas. E eu vou contar que isso doeu. Doeu muito. E dói, porque as estruturas discriminatórias e violentas não findam, seguem operando.

Posso contar também que os ventos de tempestade e de serenidade sopraram e arrumaram minha casa interior. Que eu encontrei e fui encontrada por jeitos de viver mais perto de ser plena. Que eu retornei à casa quando me afastei (ou fui afastada) da forma mais potente de resistir: com as nossas, com minhas irmãs, primas, amigas, mais velhas, professoras.

Teve um momento-processo em que eu percebi que me curar desses machucados era necessário. Mais que isso, que era possível. E esse processo passou pela dor de perceber complexos sistemas de inferiorização, marginalização e esquecimento das produções e

experiências de pessoas negras e, em paralelo, pelo reconhecimento e entendimento de como isso acontece com pessoas como eu.

Se posso eleger um momento marcante de transformação interna, foi este, em que eu disse para mim mesma, baixinho e serenando no peito e na mente: “a partir de agora, escreva e seja a sua experiência, de dentro para fora”. Escrever, pensar e sentir isso tem a ver com criticar, combater e desentranhar do âmago as mentiras racistas, misóginas, *LGBTQ+fóbicas*, classistas. Passa por minha mãe, minha avó, minhas irmãs, minhas amigas, meus territórios, pelas memórias encobertas que nos fazem esquecer ou não saber que nossa força, beleza e luta são ancestrais, coletivas e sempre presentes, mesmo quando não parecem ser, quando são secretas, quando são estratégicas.

Então, fiz da Universidade e desse lugar que ocupo – pela luta histórica do movimento negro, que tornou possível a implementação da Lei de Cotas, e pela luta ancestral da família e do povo a que pertencço – um “lugar de cura”, o que bell hooks propõe para o fazer da teoria, da escrita, da produção acadêmica:

Encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência “vivida” de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora. Fundamentalmente, essa experiência me ensinou que a teoria pode ser um lugar de cura. [...] Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática (hooks, 2013).

Foi uma docente negra da UnB, Edileuza Penha de Souza, que me olhou e enxergou em mim uma pessoa que pensa e pode produzir conhecimento. Sob sua orientação e sabedoria, consegui acessar autoconfiança e autorreconhecimento como uma estudante e pesquisadora que pode e deve escrever.

Concluí minha graduação tendo como tema do Trabalho de Conclusão de Curso uma intelectual negra, Lélia de Almeida Gonzalez, amparada por uma outra intelectual negra, Dione Oliveira Moura (UnB-FAC). Essa pesquisa e outros trabalhos me proporcionaram compreender, acompanhar e viver projetos de resistência encampados por intelectuais negras no contexto acadêmico e de ativismo (Santos, 2020; Moura; Santos, 2020). Na minha alma-manto de essência profunda, essas mulheres negras, teóricas, intelectuais, acadêmicas cultivaram sonhos para que eu os realizasse e colhesse frutos deles.

E sigo sonhando-realizando. Atualmente curso Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS-Ufrgs) com um projeto de pesquisa – que dá continuidade ao que iniciei na graduação – sobre os processos de (in)visibilidade da produção intelectual de Lélia Gonzalez na produção de conhecimento em Ciências Sociais no país. Faço pesquisa como uma pesquisadora-ativista, mobilizo minha experiência e meu horizonte de mundo com base no antirracismo e no antissexismo. Faço parte da comissão

de ações afirmativas da Pós-Graduação. Sigo os projetos dessas intelectuais, amigas e orientadoras-sabedoras que me inspiram a atuar de dentro da produção acadêmica por um discurso ampliador e plural.

Referências

BRASIL. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências, 2012.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SANTOS, Elen Cristina Ramos. *Lélia Gonzalez: (re)existência política, afetiva e epistemológica na universidade*. 2020. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, 2020.

MOURA, Dione Oliveira; SANTOS, Elen Cristina Ramos. O encontro da vigilância comemorativa com a epistemologia negra e o feminismo negro: um dos lugares-memória de Lélia Gonzalez. In: SANTOS, Ivair Augusto Alves dos; MOREIRA, Marcos (org.). *As estruturas dissimuladas do racismo: história, memórias e resistências*. 1. ed. Porto Alegre: Nova Práxis, 2020. v. 1, p. 167-190.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice